

O Averso do Universo

© 2025 Mariléa de Castro

O Avesso do Universo

CONTOS RAMATISIANOS

RAMATÍS, HENRI, ANTHIMUS, ALICE,
LINNHANA, ELIAS

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do autor.

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa:

Monumento a Pitágoras, em Pythagorion
na ilha de Samos, na Grécia

ISBN 978-65-5727-198-8

1ª edição – 2025

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Ramatís, (Espírito)

O Avesso do Universo : contos ramatisianos ; obra psicografada por Mariléa de Castro
– Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2025.
152 p.

ISBN 978-65-5727-198-8

1. Universalismo 2. Contos espíritas 3. Filosofia
espiritualista I. Título II. Castro, Mariléa de

25-4832

CDD — 133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

▪ RAMATÍS ▪ HENRI ▪ ANTHIMUS
▪ ALICE ▪ LINNHANA ▪ ELIAS

O Averso do Universo

Contos ramatisianos

Obra psicografada por
Mariléa de Castro

1ª edição – 2025



Obras da autora pela
EDITORA DO CONHECIMENTO:

Haiawatha

Igualdade

A construção do novo mundo

A construção da consciência

A maior magia do mundo

Era uma vez na Galileia

O avesso do universo

Pela Ed. Artes e ofícios: *Guia do brasileiro em Paris*

Gratidão e carinho:

Aos amigos de longas eras que vieram ditar estes contos.

Ao amigo Sávio Mendonça que me possibilitou reencontrá-los.

Sumário

Palavras da médium.....	9
Introdução	11
1. O outro nome de Deus – Henri	15
2. <i>Similia similibus curentur</i> – Anthimus	66
3. O especialista – Alice.....	89
4. O avesso do Universo – Linnhana	127
5. O retorno de Pitágoras – Elias / Ramatís ...	139

Palavras da médium

Esta pequena obra traz alguns dos temas nucleares enfocados por Ramatis em suas obras^[1], buscando uma apreensão amena de cada um, engastados em narrativas de ficção – *contos ramatisianos*, como os denominamos.

Através de cenários diversos, por alguns locais significativos do planeta, personagens e enredos foram desenvolvidos através da psicografia intuitiva, para ilustrar grandes verdades.

Cada um deles foi ditado por um autor espiritual diverso, e se revelaram todos, finalmente, como integrantes da egrégora ramatisiana, em geral discípulos do Mestre de Samos na Escola Pitagórica, e hoje habitantes da cidade astral do Grande Coração. Desejaram ser apresentados apenas com um nome e uma referência singelos, ocultando títulos e personalidades históricas que envergaram.

Todos ligados à médium por laços pretéritos de amizade, que se estenderam por várias existências, em épocas e cenários os mais diversos. Reencontrá-los foi motivo de imensa gratidão, e a escrita destes contos, de muita alegria interior.

A clareza sobre suas identidades e histórico, devemos à bondade e à agudeza mediúnica do amigo Sávio Mendonça, médium de Ramatís e com diversas obras muito importantes publicadas.

O texto “A força de coesão do universo”, integrante do último conto, e de autoria de Ramatís, foi recebido antes de todos, como uma chancela ao projeto da obra, que foi transmitido depois.

[1] Através dos sensitivos Hercílio Maes e Sávio Mendonça.

Possa este pequeno trabalho contribuir, ainda que de forma singela, para a divulgação da mensagem ramatisiana, que constitui uma verdadeira *revelação para a Nova Era*.

Paz a nossos corações!

Mariléa de Castro

Introdução

Revelações para a Nova Era

A revelação é gradual.
Allan Kardec

É difícil, para a imaturidade da consciência humana, admitir a ideia de que a “religião” – a concepção do divino, da Criação, e das leis que regem nossa relação com eles – não seja algo imutável. Preferimos sempre nos apegar a uma versão pronta e acabada – e incontestável, gerando os fanatismos de todas as épocas.

Mas a realidade é bem outra.

A lei suprema do universo é a *evolução*. *Do átomo ao arcanjo* – com a respectiva ampliação de consciência.

Já acreditamos a Terra sinônimo de universo; depois adicionamos o sistema solar, a galáxia, as outras galáxias, e estamos tangenciando a ideia de um hiperespaço – tudo pela *busca da verdade* a que chamamos ciência. A evolução no mundo das ideias.

E por que no campo da ideia religiosa seria diferente?

Nossa concepção da divindade e das leis cósmicas também se ampliou. Do monoteísmo arduamente instaurado por Moisés, à noção do Deus-Pai e à ética do amor universal do Mestre Nazareno. E a chamada Terceira Revelação, com Kardec, abriu para o Ocidente um horizonte mais amplo de religiosidade, resgatando os conhecimentos orientais milenares e comuns aos templos iniciáticos^[2].

[2] Kardec alertou claramente que nada disso era novidade: era o reviver de milenares conhecimentos orientais: “A doutrina hoje ensinada pelos espíritos **nada tem de novo**; seus fragmentos são encontrados na maior parte dos filósofos da Índia, do Egito e da Grécia, e se completam nos ensinamentos de Jesus Cristo” – O

Tanto *é gradual a Revelação*, que muitas informações não foram dadas nessa época. Por exemplo, sobre o mundo astral, com suas comunidades. Imagine-se a incredulidade e o sarcasmo que suscitariam para o espiritismo nascente. No momento certo, veio André Luís, e depois inúmeros outros, *revelando* tudo isso cada vez mais extensamente. Ao mesmo tempo, o próprio André Luis mencionou algumas realidades já conhecidas do ocultismo^[3], como a sinalizar para novos avanços do conhecimento (que raros têm aproveitado). Outras *revelações* vieram através de Chico Xavier^[4] – também passando em branco para a maioria.

A cada novo período letivo da Escola Terra, outros docentes vêm para entreabrir um pouco mais o véu que oculta a plenitude do universo. Nossa humanidade mal tangenciou os primeiros graus do Conhecimento Total da realidade; “o horizonte é infinito e o olhar humano é estreito”, já dizia Guerra Junqueiro.

Por isso, ao se iniciar a Transição Planetária, chegou o momento de um novo patamar de *revelações*, condizente com a Nova Era. Então um instrutor sideral (vindo com Jesus e outros espíritos do sistema de Sirius), falou à Terra. Pitágoras, o mestre da velha Grécia, sob seu nome oriental de Ramatís, veio para ampliar nosso olhar sobre diversas facetas da realidade.

Em suas obras, percebemos aquele encontro de ciência e religião que vai nos direcionando para o futuro nível de consciência em que existirá apenas o Conhecimento – a perquirição das realidades desse Cosmo que é ao mesmo tempo a criação e a intrínseca habitação do Eterno Ser. Conhecer sua intimidade e as leis que a regem é ciência ou religião?

Ramatís revelou-nos, como nunca antes, o processo oculto da origem das doenças. Descreveu uma civilização extraterrestre, desvendando nossa vizinhança cósmica. Colocou na mesa de dissecação o ignoto tema da magia. Desvendou o processo apocalíptico, prevendo, décadas antes, o aquecimento global *que é o Espiritismo*.

[3] Em *Evolução em Dois Mundos*, André Luis fala dos devas (seres co-criadores do Eterno), de corpo mental, matéria mental, duplo etérico, chacras, órgãos do corpo astral, peso específico do perispírito, magia negra, pensamento dos animais etc.

[4] A mãe de Chico e Irmão X descreveram Marte; este, André Luis e Emmanuel apontaram o imperativo do vegetarianismo

e o degelo dos polos. Abriu as cortinas do infinito e nos apresentou a constituição oculta do Cosmo, com os Grandes Seres – os Logos – que dão vida aos planetas, sóis e galáxias. (Isso é ciência ou religião?) E muito mais...

E, entre suas *revelações*, foi o primeiro – e único – a desenhar a **verdadeira** imagem do Mestre Nazareno, diverso do Cristo ou Logos Planetário. Apontou as adulterações dos evangelhos e as inverdades atribuídas ao Mestre – as coisas que ele *não disse* e *não fez*, e seguem há dois mil anos distorcendo a sua figura. Somente Ramatís fez isso.

Ele encaminhou-nos (por um marciano, Hamod, e através do médium Savio Mendonça)^[5] a revelação das *várias dimensões do plano físico* – uma realidade que a ciência começa a tangenciar e que, quando comprovada, deverá ser o maior salto do conhecimento jamais efetuado na história – a abertura de um *outro lado* insuspeito do universo. Diversas outras revelações inéditas se seguiram.

A obra de Ramatís configura a *revelação progressiva* que Kardec preconizou com extrema lucidez. Mas a alguns, o novo assusta. Requer maturidade de consciência e humildade, admitir que ainda não sabíamos tudo, que o Cosmo e a Divindade são infinitos e nosso olhar, estreito. Que a *Revelação é gradual* e estacionar é atrasar-se.

O Conhecimento, como o Cosmo, é infinito, e seria ilógico imaginar que em quase duzentos anos, enquanto o planeta evoluía da carruagem às sondas espaciais, da sangria à cirurgia robótica, e da caneta-tinteiro ao computador, nenhuma evolução seria oferecida pelo Alto à humanidade somente no âmbito do conhecimento das realidades ditas espirituais. Uma evolução capenga.

Uma humanidade em estágios infantis, como nos milênios findos, teria que acreditar em sistemas de crença imutáveis e noções definitivas da Realidade Cósmica. Glória, pois, à lucidez e profundidade de Kardec, estatuinto a REVELAÇÃO GRADUAL, afirmando que “o caráter da doutrina não será, pois, invariável senão nos princípios passados ao estado de verdades

[5] RAMATÍS E OUTROS, médium Sávio Mendonça. *Missão Planetária*. Limeira, Ed. do Conhecimento, 2016.

constatadas”^[6]. E infelizmente, invariável é como muitos pretendem conservar a terceira revelação, negando que se possa abrir novas páginas do livro sem fim do Conhecimento.

Mas, à sua revelia, o Alto o fez, e Ramatís veio trazer um capítulo inaugural da Nova Era para o conhecimento das verdades.

[6] *Revista Espírita*, dezembro de 1868.

1. O outro nome de Deus

As religiões são meios, não fins em si mesmas.
Ramatis

Desci do metrô na estação de Saint Mandé, no início de Vincennes, para o frio da manhã de outono.

Na rua Fays, de belos prédios antigos, quase ninguém passava; nem parecia que estávamos ao lado de Paris; e que éramos um povo angustiado, preso nos tentáculos da ocupação nazista.

Eu envolto num raro momento de paz, permitindo-me fingir que era apenas um estudante de História despreocupado, e não um membro ativo da Resistência, em mais uma tarefa clandestina.

Nosso pequeno grupo de resistentes fora criado em consequência do horror que despertara entre estudantes e professores o massacre do Vel d'Hiv (O famoso Velódromo de Paris) em 16-17 de julho de 1942. Soubemos, paralisados de espanto e revolta, que uma batida policial havia reunido quase 13 mil judeus – uns três mil homens, cinco mil mulheres e quatro mil crianças – e os arrastara para lá, onde permaneceram nas piores condições possíveis, quase sem alimentos e em condições pavorosas. Depois... foram enfiados em vagões de gado e deportados para os campos de extermínio da Alemanha. Vinte foram mortos, uns cem cometeram suicídio. Ao embarcarem, as crianças foram separadas dos pais, numa cena de terror desumano.

Então vários de nós, que já participávamos de ações resistentes, de panfletagem e entrega de publicações clandestinas até a sabotagem, decidimos criar um grupo voltado para sal-

var, retirando-as da França Ocupada, as vítimas inermes – judeus, especialmente com crianças. Aos poucos, se agregaram aos estudantes e professores um judeu na clandestinidade, dois poloneses exilados, algumas mães e outros colaboradores eventuais. Nosso líder, um professor que adotara o nome de guerra de Jean-Luc.

Mais uma quadra, e avistei a torre da igreja de Saint Louis. Dobrei a esquina e, na rua atrás da igreja, fui bater, com os toques combinados, à porta do apartamento do padre.

Fui recebido por uns olhos negros sorridentes.

– *Bonjour*, Stella!

– *Bonjour*, François. Entre! – Seu sorriso era um outro sol da manhã.

Enquanto ela me fazia entrar para a pequena sala e trocávamos algumas frases, a batina escura e o sorriso bondoso do padre Laurent se aproximaram.

– *Bonjour*, *père* Laurent!

– *Bonjour*, meu filho. Deus o abençoe sempre – e abraçou-me com carinho.

– Já se alimentou? Venha, vamos tomar alguma coisa – e foi me impelindo para a cozinha, onde Stella se apressou a servir-nos.

– Bendita seja a chicória! – sorriu o padre, brincalhão, quando ela trouxe as xícaras com o “café de chicória”, a infusão que substituíra, para nós, o café, desaparecido na voragem da guerra e do racionamento. Eu ri e disse: – *Santé!* – erguendo a xícara num brinde.

O padre apontou para os pratos à frente: – Vamos, meu filho, coma. Você precisa de forças. Madame Mercier, da padaria, sempre dá um jeito de nos enviar uma boa baguete. E Stella sabe fazer essa geleia de amoras – sabe aquele pé que cresce junto ao muro, no cemitério? – sorriu – As pessoas não gostam da ideia – riu, divertindo-se – Mas eu garanto que, sendo abençoadas devidamente, são inofensivas.

Rimos todos, e Stella sentou-se também. Ali, entre os dois, era onde me sentia em família, a vontade e, pode-se dizer, feliz, dentro do árduo cotidiano da ocupação. Bendizia a tarefa do grupo resistente que me levava até ali. O padre Laurent,

com alguns paroquianos, se tornara um precioso colaborador para esconder e salvar os visados pelos *boches*: judeus e ciganos candidatos à prisão e deportação para os campos da Alemanha. Muitas famílias tinham sido escondidas e encaminhadas a companheiros e famílias amigas da Zona Livre e até além-fronteiras.

Era eu que os levava até ali, para serem ocultados numa pequena casa além do cemitério, até que pudessem ser contrabandeados através da linha de demarcação que separava a França Ocupada – onde estávamos – da chamada França Livre, ao sul. Ou às vezes, atravessando os Pirineus, para a Espanha.

– Já souberam das notícias? – indaguei, olhando de um para outro.

Ambos acenaram tristemente.

– Veja no que deu – falou o padre, em voz baixa – Ficamos tão alegres quando os Aliados tomaram a Argélia e o Marrocos, dia 8... e agora isso.

– Era uma esperança de começar a virar o jogo – acenei – Mas os *boches* viram a ameaça de os Aliados invadirem pelo sul, e veio essa ordem de acabar com a farsa da França Livre. E do fantoche do Pétain^[7].

– E agora, está tudo ocupado, não é? – Indagou Stella, franzindo a testa.

– Sim, dia 11 veio ordem para as tropas nazistas ocuparem *toda* a França. Acabou-se a encenação do Governo de Vichy, o marechal é agora uma sombra inútil deles. E nós, uma França totalmente ocupada.

Suspiramos, nos entreolhando. Era o dia 15 de novembro de 1942.

– Nossa tarefa vai ficar ainda mais difícil – disse em tom baixo e triste o padre.

Stella pousou a mão no braço dele.

– Havemos de achar um jeito, não se preocupe, padre. Deus há de nos inspirar.

– É, eu creio nisso. Mas... – e me pareceu entrever em seus olhos o brilho de lágrimas que não chegaram a cair. O padre

[7] O marechal Pétain, fazendo acordo com os alemães após a invasão, se tornara chefe do autoritário Governo de Vichy, no sul da França. Após a libertação, foi sentenciado à morte como colaborador, pena comutada para prisão perpétua.

apoiou a cabeça na mão, e ficou pensativo, enquanto Stella e eu estendíamos ao mesmo tempo as mãos para seus ombros, e ali ficamos, os três, unidos por instantes numa solidariedade silenciosa.

Père Laurent ergueu a cabeça e nos encarou:

– Não vamos desanimar. Eu lembro de uma frase que minha mãe costumava citar: “Não há noite tão longa que nunca encontre o dia”. Isso vai terminar.

– Vai, sim, padre. É como eu lhe disse que vi no outro dia: menos de metade da ponte, agora – sorriu Stella levemente.

Père Laurent esboçou a sombra de um sorriso diante de meu ar intrigado. Eu sabia, porque eles confiavam em mim, que Stella (que era de sangue cigano, e fora acolhida, órfã, pelo padre, muitos anos antes, tornando-se como uma filha do santo velho) tinha um dom de premonição. O padre lidava com isso com naturalidade. Havia me dito, tempos atrás: “Sabe aqueles “dons do espírito” de que fala Paulo na primeira carta aos Coríntios? – e como eu obviamente não sabia, foi buscar a velha Bíblia e leu para mim, com prazer^[8].

– Pois é isso, meu filho: Stella possui esse “dom da profecia”. Ou premonição. Só porque já foi chamado por outros nomes, em vários povos e épocas, não significa que não seja autêntico e não venha de Deus. Aliás, o que é que não vem dele, não é? – e sorriu, um sorriso travesso e cheio de bondade. Eu ruminei aquilo e lembro-me de ter observado:

“Mas padre, se ela vivesse na Idade Média... não acha que a Igreja poderia chamá-la de bruxa, e talvez a mandasse à fogueira? E mesmo hoje, quantos sacerdotes o senhor acha que teriam essa visão?” O bom velho abanou a cabeça em concordância.

– Graças a Deus não estamos mais na Idade Média... Françoise, meu filho, nós humanos, por mais que nos rotulemos intermediários de Deus, não deixamos de ser isso: humanos, e

[8] II Coríntios, 12- 4: “Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito (de Deus) é o mesmo. 12:8-10: “Porque a um pelo Espírito é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito os dons de curar; e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro a variedade de línguas; e a outro a interpretação das línguas”

sujeitos a equívocos e até mesmo pecados. Veja, entre os próprios apóstolos de Cristo, não havia um Judas, um Pedro que o negou, um Tomé que não acreditava? A Igreja, em sua crença, é divina; mas nós... ainda somos apenas humanos.

Com isso, ficou entendido que Stella era dotada desse dom e vez por outra eu ficava sabendo de alguma previsão (todas se cumpriam). Agora estava prestes ouvir outra.

– Esta semana – explicou Stella com simplicidade – tive uma visão rápida, e senti que era sobre a duração da guerra. Vi uma ponte... com franceses atravessando. E percebi que já haviam passado a metade dela; faltava menos de metade para o outro lado^[9].

– Tomara, Stella, que assim seja – suspirei – Mas enquanto isso, as coisas estão piorando. Veja, *père* Laurent, o que lhe trouxe – e comecei a transmitir a mensagem e instruções que trazia, sobre a evasão de algumas pessoas. Depois que lhe passei tudo, e comentamos providências, *père* Laurent olhou-me de forma significativa e:

– François (era meu nome de guerra), meu filho, tenho um caso que gostaria de discutir com você.

Acenei concordando e fiquei à espera.

– Olhe, eu preciso dar uma chegada à *maisonnette* (a casinha) – como chamávamos o local onde se abrigavam nossos futuros evadidos, antes do transporte – e se pudesse me acompanhar, falaríamos no caminho.

– Claro, padre, é cedo e tenho tempo – e com isso, tive que me despedir daquela que fazia jus ao nome – Stella, que cintilava como uma estrela de promessas na noite de meu quotidiano atribulado.

Enquanto seguíamos o muro do cemitério pela rua Fays, o padre começou, um ar preocupado:

– François, você sabe que todos os recursos que temos recebido, para manter e evadir nossos irmãos, têm vindo de um grande amigo, que foi meu colega de liceu. Um filho do povo de Israel. Sem ele, não teríamos conseguido.

[9] Quão lúcida fora a visão dela... a França foi ocupada em junho de 1940, e o desembarque do Dia D em junho de 1944; a metade disso fora seis meses atrás. Mesmo considerando a libertação de Paris em agosto de 44, já tínhamos mais de metade.

Eu sabia, e limitei-me a acenar com a cabeça.

– Pois bem. Agora – e o padre me encarou, sem deixar de caminhar – é ele quem necessita de nós.

Acenei de volta, curioso.

– Não se trata de coisa simples. Ele, como editor e livreiro, além de professor de filosofia, acumulou bastante recursos e lida com impressos. Ambas as coisas o fazem alvo dos nazistas. Eles andam atrás de gente ligada à imprensa clandestina e também de judeus ricos que possam prender e espoliar. E meu amigo, que tem contatos, digamos discretos, na própria Gestapo, já percebeu a ameaça. E precisa fazer algo com urgência.

– Para se evadir? Com seus recursos...

– Não, François, ele não pretende sair agora. Diz que tem uma tarefa a cumprir com seus irmãos e com a Resistência. Ele e a mulher são pessoas especiais, muito corajosos. Vão ficar. Mas há algo que o preocupa mais que tudo, e para isso precisa de ajuda, de... – fez um gesto evasivo.

– Do que ele precisa então, padre? Levar algum material para fora?

– Um material especial, François – o padre me encarou. – Seu filho. Um menino de dez anos.

Não respondi de imediato. Fiquei avaliando rapidamente as perspectivas de evasão agora, com a ocupação da ex-Zona Livre. *Père* Laurent acompanhou meu pensamento, e depois de uma pausa:

– François, meu filho, eu confio totalmente em você. Gostaria muito que pudesse me acompanhar numa visita a meu amigo. Não há necessidade de ocultar-lhe o nome, você teria que saber: Michel, da família Weiss. Um ser humano como poucos, posso garantir.

Assenti, juntando as informações que possuía. Rico, intelectual, conhecido na área editorial, mas para nós, sobretudo um benfeitor generoso, a quem grande número de criaturas devia mais que a vida – a salvação das torturas e misérias dos campos de extermínio. Refleti. Não havia o que hesitar.

– Padre, estou a seu dispor. Vou comunicar ao grupo e a Jean-Luc, mas pode marcar o dia. Onde é? Vai nos receber em sua casa?